

Resenhas

Book review

REAL, Miguel. *Matias Aires: As Máscaras da Vaidade*. Lisboa: Sete Caminhos, 2008.

Matias Aires: As Máscaras da Vaidade, do ensaísta português Miguel Real, é um estudo exaustivo, ainda que breve, da obra *Reflexões Sobre as Vaidades do Homem*, do paulista Matias Aires (1705-1763). Dizemos exaustivo porque para além de analisar o conceito de *vaidade* de um ponto de vista filosófico e antropológico, seguindo as próprias orientações que o autor setecentista apresenta no seu escrito, Miguel Real contextualiza, igualmente, os propósitos de Matias Aires no quadro social, cultural e histórico da época.

Afinal, se a *vaidade* é uma *inclinação*, um *impulso da alma*, um *vício do entendimento*, é, ao mesmo tempo, um reflexo da diferenciação social. Esta última questão discute-se, na interpretação de Miguel Real, a partir do momento em que Matias Aires (filho de um emigrante português que enriquecera em São Paulo) se sente inferiorizado socialmente. Embora fosse rico e tivesse tido uma formação intelectual digna dos homens mais influentes, Aires nunca ascendeu em termos nobiliários nem nunca conseguiu esquecer-se da origem humilde do seu pai, por mais que ambos tivessem desempenhado o cargo de Provedor da Casa da Moeda, em Lisboa. Neste sentido, a obra do autor paulista constitui-se como crítica contundente aos valores da nobreza e como relativização da *vaidade* dos Reis, já que, neste caso, não é considerada um vício mas antes uma virtude. Para além disso, Miguel Real relembra ainda que *Reflexões Sobre as Vaidades do Homem* são escritas

num “ambiente económico-social pomposo e opulento vivido pela nobreza e pela corte com base nas remessas de ouro do Brasil; o ambiente religioso, mais supersticioso que devoto, acentuado pela doença de D. João V, sete anos entevado no leito, e o ambiente político a tender para o absolutismo régio, sem convocação de Cortes durante cerca de meio século” (p. 11). De todo o modo, a *vaidade* do homem é entendida como um mal geral, que se mascara sobretudo através dos sábios, dos magistrados, dos nobres e dos historiadores e que só pode ser combatida se houver boa vontade por parte daqueles que estabelecem as leis (os homens do Direito) e que promovem a religião e os bons costumes.

Na concepção de Miguel Real, Matias Aires apresenta uma hermenêutica exaustiva e, quiçá, exagerada do tema da *vaidade*, levando-o, de alguma maneira, a tecer uma visão pessimista do homem [“Mau naturalmente, apenas pela violência civil da religião, da moral e do Direito o homem se torna bom, domesticando a sua *vaidade* e preferindo a virtude ao vício – eis a essência do pessimismo antropológico de Matias Aires” (p. 48)] e das relações que estabelece socialmente. Para o autor paulista, o mundo, em geral, e a sociedade, em particular, não passam de um teatro ou de um baile de máscaras, no qual a *vaidade* tem uma preponderância maior.

A análise e a reflexão do escritor português acerca da obra de Matias Aires (já que no fim deste seu livro se debruça também sobre *Carta Sobre a Fortuna*, considerando-a como um manual de ética para a felicidade) contemplam ainda um estudo sobre a classificação filosófica e a concepção estilística do autor setecentista. Para Real, Matias Aires estatui-se

como “um filósofo inclassificável à luz das correntes da época” (p. 23), ou seja, não pode ser considerado nem moderno, nem estrangeirado, nem empirista ou racionalista, contudo, do contexto sócio-cultural no qual viveu, Aires herdou o “espírito barroco da corte de D. João V, ostentado no estilo da sua prosa, bem como o novo espírito de laicização da sociedade e do Estado e consequente perda da influência da moral católica” (p. 23).

Resumidamente, o ensaio de Miguel Real revela, deste modo, a coincidência entre duas tensões dramáticas: a primeira relativa à vida de Matias Aires e a segunda correspondente à sua obra. Afinal de contas, os escritos do autor de *Reflexões Sobre as Vaidades do Homem* revelam tanto um homem ainda em conflito com o passado do seu pai e com o facto de não ter sido reconhecido socialmente, tanto um pensador dividido entre a sua formação jesuítica e os modelos modernistas que recolhera no estrangeiro. Mas Miguel Real vai ainda mais longe na classificação de Matias Aires enquanto pensador setecentista. Se, de facto, sente alguma dificuldade em enquadrá-lo filosoficamente, não tem quaisquer dúvidas em designá-lo como químico, sobretudo depois de analisar uma outra obra de Aires: *Problema da Arquitectura Civil*. No ponto de vista de Real, o seu autor tinha

conhecimentos na área da química, facilmente comprováveis pelo seu cargo de Provedor da Casa da Moeda. Deste modo, o ensaísta português descarta, quase integralmente, a interpretação de Fiana Hasse Pais Brandão. Para esta autora, Matias Aires era um alquimista secreto de cariz esotérico. Miguel Real contesta-a, alegando que os conhecimentos que Aires demonstra ter são de natureza estritamente científica e não de pendor esotérico, próprios de quem, no seu dia-dia, na Casa da Moeda, trabalha com processos de alteração química.

Apesar de existirem alguns estudos, tanto em Portugal quanto no Brasil, dedicados ao pensamento de Matias Aires, eles ainda não são suficientes para tornarem este filósofo setecentista conhecido do grande público e estudado condignamente nas universidades. O propósito deste pequeno ensaio de Miguel Real (porque usa uma escrita clara e acessível, porque se apresenta num tamanho apetecível à leitura, porque sugere uma interpretação contextualizadora) talvez tenha em vista precisamente inverter, em certa medida, essa situação.

Romana Valente Pinho
Universidade de Lisboa